



A agroecologia na educação de jovens e adultos: uma experiência na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ

Agroecology in youth and adult education: an experience at the Joaquim Venâncio Polytechnic School of Health/FIOCRUZ

CERRI, Danielle¹; COUTINHO, Marcello de Moura²; RIBEIRO, Marcelle Felipe³

¹Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio-FIOCRUZ, danielle.cerri@fiocruz.br; ² Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio-FIOCRUZ, marcello.coutinho@fiocruz.br, ³Verdejar Socioambiental, maragroecologia@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O presente trabalho relata a experiência da Oficina de Meio Ambiente e Modelos de Desenvolvimento, no currículo da EJA na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ. O tema central da oficina é a Agroecologia e o *Bem Viver*, onde os estudantes desenvolvem projetos e debatem a temática socioambiental na perspectiva crítica e interdisciplinar. A Oficina elaborada em 2019, apresenta o caráter central no currículo da EJA/EPJSV, o qual tem como elementos fundamentais da educação politécnica o trabalho e a ciência como princípio educativo, e na Agroecologia e o bem viver aspectos relevantes para uma sociedade mais justa e igualitária perpassando pela soberania e justiça alimentar. Realizaram plantio, cosméticos naturais e atividades de campo, fortalecendo a agroecologia e suas dimensões no currículo da Educação Básica em uma escola urbana. O trabalho aponta como objetivo a problematização do modelo de desenvolvimento vigente na produção de alimentos, acesso à terra e relações sociais no seio da classe trabalhadora como a Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: agroecologia urbana, educação ambiental crítica, educação socioambiental, EJA.

Introdução

A educação ambiental faz parte do currículo como elemento transversal em todas as etapas e modalidades da Educação Básica. Em consonância com a Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, do Conselho Nacional de Educação (CNE) que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, a Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (2002) postula que, “em sua práxis pedagógica, a Educação ambiental envolve o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, onde cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais.”. Tal diretriz pedagógica se torna o ponto central de nossa experiência, sobretudo quando são evidenciadas contribuições das cosmovisões dos povos indígenas e quilombolas. Diante da emergência climática que enfrentamos na contemporaneidade, esses elementos são compreendidos como cruciais na



formação escolar dos sujeitos, exigindo ao currículo das escolas, o tratamento da dimensão ambiental de forma holística, integrando saberes e problematizando a lógica do modelo de desenvolvimento capitalista vigente. Novicki (2007, p. 145) afirma que: “Cabe à educação ambiental, na perspectiva da emancipação humana, contribuir para o entendimento de que a fragmentação do homem (dicotomias: trabalho-intelectual-trabalho manual, homem-natureza) é produzida/reproduzida constantemente pelo modo de produção capitalista [...]”. Para Pinheiro e Machado Filho (2014), a Agroecologia em todas as suas dimensões – escala, social, política, econômica, ambiental, energética, cultural, administrativa, técnica, ética e alimentar –; é entendida enquanto um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais, presentes nos povos originários e afro-brasileiros. Todos esses aspectos levam a “Oficina de Meio Ambiente e Modelos de Desenvolvimento (OMAMD)”, com a temática - “Agroecologia e *Bem Viver*”, à proposição de diálogos contínuos sobre a temática socioambiental de forma integrada e multidisciplinar. Se propõe fortalecer a perspectiva da agroecologia de forma curricular na Educação Básica, da Escola Politécnica da Saúde Joaquim Venâncio - EPSJV/FIOCRUZ, pela Educação de Jovens e Adultos do Território de Manguinhos (EJA-Manguinhos), vinculada ao Laboratório de Formação Geral (LabForm). Vale destacar, que a OMAMD está atrelada a um projeto maior da EPSJV, denominado *Semeando*, o qual vem desenvolvendo atividades de fortalecimento à pesquisa e ao ensino na dimensão da agroecologia, desde 2016. A princípio estava ancorado na Vice-Direção de Ensino e Informação (VDEI), mas desde 2021, se encontra no Laboratório de Educação Profissional em Vigilância Sanitária (LAVSA). Com efeito, vem possibilitando o desenvolvimento de processos pedagógicos ligados a ações articuladas entre diversas áreas do campo da saúde e da agroecologia, reforçando o pensamento crítico, o diálogo e reflexões, em torno dos temas: sociedade; território; saúde ambiental; e, desenvolvimento capitalista. As aulas, Oficinas e rodas de conversa abordam a agroecologia, no estudo da ecologia e questões socioambientais (racismo e justiça socioambiental), bem como do plantio e importância do solo, gestão de resíduos e compostagem, alimentação saudável e, soberania alimentar (FIOCRUZ, 2022). A OMAMD - “Agroecologia e *Bem Viver*” - foi realizada em 2019, com a orientação dos professores de Ciências/Biologia, Sociologia e uma bolsista, do projeto *Semeando*, especialista em Agroecologia. Foi desenvolvida em 20 encontros, de uma hora, em dois dias da semana, contando com 21 estudantes. As Oficinas fazem parte do currículo da EJA/EPSJV, tendo caráter integrador, tanto em relação às temáticas abordadas, quanto à composição das turmas, nas quais interagem estudantes de diferentes segmentos: Ensino Fundamental Séries Iniciais (duas turmas), Ensino Fundamental Séries Finais (duas turmas) e Ensino Médio (quatro turmas) (EPSJV, 2012). Os seus educandos são majoritariamente, moradores dos Complexos de Manguinhos e da Maré, o que demanda a perspectiva da educação territorializada (EPSJV, op. cit.). Este conceito está



presente no Plano de Curso, sendo fortemente desenvolvido, sobretudo na perspectiva freireana da Educação Popular, a qual prima pelo domínio de ideias e práticas regidas pelo respeito à diferença, buscando um novo sentido de educar. Requer necessariamente, o estímulo ao desenvolvimento de uma postura crítica diante das injustiças, de todas formas de discriminação e desigualdade, no sentido de contribuir sensivelmente para a emancipação do ser social, por meio de um processo dialógico e dialético de ensino-aprendizagem (TARDIN e TRAVASSOS, 2021).

Metodologia

A metodologia utilizada tomou como princípio, a Educação Popular, na qual as dimensões ação-reflexão-ação se destacam de forma solidária entre os atores envolvidos. As experiências de vida trazidas pelas/os educandas/os, se somaram à proposta dialógica acerca do tema - “Agroecologia e *Bem Viver*”. Para tanto, rodas de conversa sobre a história e memórias no contato com a terra foram fundamentais para o desenho das atividades propostas pela Oficina. Alguns estudantes eram oriundos de áreas rurais, que com o êxodo, vieram para a cidade em busca de oportunidades de trabalho e renda. Em contrapartida, outros educandos não tinham essa vivência, mas abordavam o conhecimento que seus pais e avós, partilhavam sobre o cultivo de plantas e a utilização de ervas medicinais nos cuidados com a saúde. Essa troca de saberes extremamente rica, nos apontou o caminho do plantio como resgate das relações com a terra e dos conhecimentos ancestrais dos povos indígenas com o *Bem Viver* e quilombolas com o *Ubuntu*. Foram elaborados *slides* para a visualização da temática, assim como foram exibidos e discutidos vídeos, tal como a animação boliviana-canadense - “Abuela Grillo” (CHAPON, 2009), para tratar da importância da água no ciclo da vida e, de como o povo Ayoreo, da Bolívia, compreende a água, enquanto um bem comum (direito). Após a compreensão do acesso à água como um direito, iniciamos os estudos sobre as sementes crioulas como potência vegetal e ancestral. Em seguida, nas Oficinas se deu início à parte mais “mão na terra” com a produção e plantio de mudas, proporcionando o diálogo sobre agricultura urbana, segurança e soberania alimentar, e direito à cidade. As Oficinas contaram também com a produção de cosméticos naturais feitos à base de óleos vegetais, manipulação das ervas medicinais e aproveitamento integral dos alimentos, com produção de antepasto da casca da banana verde. A compreensão do ciclo água-solo-vegetal era fundamental para o debate de sustentabilidade e como as mudanças climáticas alteram esse ciclo gerando ônus a tudo e a todos. Dessa forma, a abordagem da agroecologia e suas múltiplas dimensões: ecológicas, sociais, econômicas, políticas e culturais precisam ser problematizadas evidenciando uma prática social complexa (SALDANHA et. al., 2013). Também foram realizadas atividades de campo no assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) Rosely Nunes (Piraí-RJ), para a troca de saberes com os agricultores e a vivência em um



ambiente de produção de alimentos agroecológicos e agroflorestais. Foi observado na prática os debates que aconteceram em sala de aula e, na Serra da Misericórdia, na favela da Sérgio Silva, no coletivo da Verdejar Socioambiental, onde a participação no Mutirão Agroecológico propiciou a vivência das práticas de manejo na horta comunitária, alimentação coletiva e trocas de saberes sobre movimento social e trabalho coletivo.

Resultados e Discussão

As Oficinas têm um caráter prático no desenvolvimento de um projeto com a temática abordada a ser compartilhado com os demais educandos da EJA, no Laboratórios do Livre Saber (LLS). Esse evento se equipara a uma feira de ciências, como um momento de troca das construções coletivas desenvolvidas pelas disciplinas e Oficinas de maneira interdisciplinar. As educandas/os da oficina partilharam seus aprendizados, expondo os produtos feitos como os cosméticos naturais, a cartilha, o antepasto para degustação e realização de produção de muda. Na perspectiva da educação em agroecologia, se apregoa a interdisciplinaridade como um caminho para a reconstrução do conhecimento unitário, em contraponto à fragmentação do saber, se materializando em práticas e reflexões que fortalecem a integração dos conteúdos e a interação entre ensino e pesquisa (PEREIRA, 2009). É importante ressaltar que sempre se parte da realidade como princípio pedagógico, visando o seu conhecimento para a sua transformação, estando atrelada às matrizes emancipatórias do conhecimento (SOUSA et al., 2021, p. 362).



Foto 1. Roda de conversa.



Foto 2. Atividade de plantio.



Foto 3. Elaboração dos cosméticos naturais.



Foto 4. Produtos elaborados na Oficina e expostos no LLS.

Conclusões

A OMAND apresenta um caráter central no currículo da EJA/EPSJV, onde tem como elementos fundamentais da educação politécnica o trabalho e a ciência como princípio educativo e, na Agroecologia e o *Bem Viver*, as perspectivas fundamentais para uma sociedade mais justa e igualitária perpassando pela soberania e justiça alimentar. Através do plantio, da elaboração de cosméticos naturais e atividades de campo, junto aos movimentos sociais do campo e da cidade, fortalece a agroecologia e suas dimensões no currículo da Educação Básica em uma escola urbana. O trabalho aponta como objetivo a problematização do modelo de desenvolvimento vigente na produção de alimentos, acesso à terra e relações sociais no seio da classe trabalhadora como a Educação de Jovens e Adultos.

Referências bibliográficas

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 2, de 15 junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECPN2_2012.pdf?query=CURRICULO>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE, DIRETORIA DE EDUCAÇÃO INTEGRAÇÃO, DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA, COORDENAÇÃO-GERAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (2002). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao13.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CHAPON, Denis. *Abuella Grillo*. [Curta metragem – animação]. Duração: 12 minutos. Bolívia-Dinamarca: 2009.



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO. *Projeto Político-Pedagógico da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/upload/PesqProjetoDoc/projeto_politico_pedagogico.pdf> Acesso em: 22 jun. 2023.

_____. *Plano de Curso da Educação de Jovens e Adultos do Território de Manguinhos (EJA-Manguinhos)*. Rio de Janeiro: 2012.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Tecendo Redes de Experiências em Saúde e Agroecologia: resultados e reflexões a partir da sistematização de iniciativas construídas pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro, MACHADO FILHO, Luiz Carvalho. Pinheiro. *A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

NOVICKI, Viktor. *Práxis: problematizando a consciência e participação na educação ambiental brasileira*. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo et al. (Orgs.). *A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

PEREIRA, Isabel Brasil. *Interdisciplinaridade*. [Verbete]. In: PEREIRA, Isabel Brasil; LIMA, Júlio César França. *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 263-269, 2009, 2 ed.

ROMIER da Paixão; CRUZ, Carlos Freitas; ZAQUINI, Páulea; CERRI, Danielle. *Educação em Agroecologia*. [Verbete]. In: DIAS, Alexandre Pessoa et al. (Orgs.). *Dicionário de Agroecologia e Educação*. Rio de Janeiro e São Paulo: Fiocruz, 2021.

SALDANHA, João Carlos do Nascimento; FONTINELLI, Davi Scárdua; BISSOLI, Luiza Duarte. *As múltiplas dimensões da agroecologia: uma prática social complexa*. *Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934. Anais do Congresso Brasileiro de Agroecologia*, Porto Alegre (RS), v. 8, n. 2, nov., 2013.

TARDIN, José Maria; TRAVASSOS, Ronaldo. *Educação Popular em Agroecologia*. [Verbete]. In: DIAS, Alexandre Pessoa et al. (Orgs.). *Dicionário de Agroecologia e Educação*. Rio de Janeiro e São Paulo: Fiocruz, 2021.